

UMA ODE E CINCO SONETOS INÉDITOS DO BRASILEIRO JOÃO PEREIRA DA SILVA

O esquecimento a que tem estado votada uma parte muito significativa da literatura brasileira do período colonial atinge com especial intensidade os autores que escreveram entre o último quartel do século XVIII e o primeiro do século seguinte.

Um desses casos é o de João Pereira da Silva, que foi ignorado pela generalidade dos bibliógrafos, a começar por Inocêncio Francisco da Silva. A única referência circunstanciada a esse autor deve-se ao Cónego Januário da Cunha Barbosa, que publicou no *Parnazo Brasileiro* quatro dos seus poemas, acompanhados de uma notícia biográfica¹. Mais recentemente, Francisco Morais² trouxe novas informações sobre a vida do nosso poeta. Cruzando os dados fornecidos pelos dois estudiosos, ficamos com um quadro razoavelmente definido da biografia de Pereira da Silva.

Nascido em 1743 no Rio de Janeiro, fez os estudos preparatórios de Gramática e Latinidade no colégio jesuíta da cidade. Depois de uma passagem pela Baía, viria para Coimbra, em cuja Universidade frequenta — de 1775 a 1783 — o curso de Filosofia, que não chega a concluir. Segue depois para Lisboa, tendo oportunidade — de acordo com Cunha Barbosa — de conviver com os poetas da época e de participar numa Academia Particular de Belas Letras em casa do Marquês de Nisa, «onde produziu excellentes obras em Poesia, que girão manuscriptas por

¹ *Breve noticia sobre a vida de João Pereira da Silva (natural do Rio de Janeiro)*, in «Parnazo Brasileiro, ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas», vol. II, cad. 8.º, Rio de Janeiro, Typographia Imperial e Nacional, 1832, p. 23-24.

² *Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil*, in «Brasília», vol. IV — Suplemento: Publicação Comemorativa do Quarto Centenário da Cidade do Salvador; Coimbra, Universidade de Coimbra, 1949, p. 299.

nunca querer imprimir obras suas» (p. 23-24). A próxima etapa da sua vida desenrola-se na Madeira, registando contudo uma interrupção: faz uma viagem a Roma, de onde volta ordenado. A par das funções eclesiásticas que aí desempenha, dedica-se também ao ensino de Gramática Latina e Retórica. Talvez com uma passagem por Lisboa, regressa em data incerta ao Rio de Janeiro, sendo nomeado Cónego da Sé local. Ocuparia ainda os cargos de juiz-teólogo da Legacia e de pregador régio. Viria a falecer em 1818, no Rio de Janeiro.

Segundo Cunha Barbosa as suas obras seriam numerosas, variadas e de bom nível: «Os seus excellentes Versos, e traducções das Lingoas Latina, Franceza, Italianna, e Ingleza, perderão-se por sua morte em mãos de quem as não sabia apreciar assim como os seus Sermões pregados na Ilha da Madeira, na Capella da Ajuda em Lisboa pela paz Geral, e os desta Cidade» (p. 24).

Admitindo embora que a maior parte da obra de João Pereira da Silva se tenha perdido, a verdade é que se conservaram alguns textos. Em primeiro lugar, um sermão, publicado ainda em vida do autor: *Sermão de Acção de Graças, rendidas ao Ceo na feliz chegada de Sua Alteza Real o Principe Regente* (Rio de Janeiro, Impressão Regia, 1809). Por outro lado, salvaram-se os quatro poemas que o próprio Januário incluiu no seu *Parnazo Brasileiro: O Carnaval* (vol. I, cad. 1.º, 1829, p. 59-62); o poema em oitava rima começado por *Ha na foz larga d'este equoreo Rio* (vol. I, cad. 3.º, 1830, p. 17-18); o poema em décimas *Meus Senhores Academicos* (vol. II, cad. 8.º, 1832, p. 25-28); e o poema em oitava rima *Doutos Heróes, Varões esclarecidos* (*ibid.*, p. 29-31). A primeira das composições referidas voltaria a ser editada em 1843, no tomo I do *Parnaso Brasileiro*³ de Pereira da Silva.

Além desses, temos agora os seis poemas — uma ode e cinco sonetos — que descobrimos em três miscelâneas manuscritas e que agora daremos a conhecer.

Pelo número de poemas que transmite, o documento mais importante é o Ms. 542 do Fundo Manizola (FM) da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora (BADE). Intitulada «Collecção / de varias obras poeticas / dedicadas / ás Pessoas de bom gosto / por / Henrique de Brederode», esta miscelânea veicula um total de cinco composições, apresentadas consecutivamente:

Se de vorazes, crepitantes chamas (p. 264-268) — Ode

Vejo as Nymphas gentis do pego undante (p. 269) — Soneto

³ *Parnaso Brasileiro ou Selecção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil precedida de uma introdução historica e biographica sobre a litteratura brasileira: Tomo I — Seculos XVI, XVII e XVIII*, Rio de Janeiro, Eduardo e Henrique Lacmmer, 1843, p. 218-223.

Eu vi Amor a militar armado (p. 270) — Soneto
Da vã soberba pello Templo hû dia (p. 271) — Soneto
Neste dia feliz não te offereço (p. 272) — Soneto

O segundo manuscrito é o códice 8610 da Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL), que se intitula «Collecção / de / Sonetos, / que se não achão / impresos, extra= / hidos dos ms. / antigos, e / moder / nos. / 1786». Contém quatro sonetos atribuídos a João Pereira da Silva — três dos quais já vinham no documento anterior —, dispostos também de forma consecutiva:

Eu vi Amor á militar armado (p. 265)
Da van Soberba pelo Templo hum dia (p. 266)
Prateada nuvem pelo ar ondea (p. 267)
Neste dia felis, eu não t'offreço (p. 268)

Por último, temos o Ms. 10, 1, 15 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ), que transmite apenas um soneto:

Eu vi Amor a militar armado (f. 121v)

Neste caso, a indicação de autoria é dada por intermédio de uma sigla — «J.P.». Com base neste testemunho, e por lapso de leitura, editámos o soneto em causa em nome de José Basílio da Gama, num trabalho publicado em 1997⁴. Tivemos entretanto oportunidade de corrigir o erro, numa versão desse artigo saída em 2000⁵.

Antes de passarmos à edição, faremos ainda um breve comentário sobre os textos. Embora a escassez do *corpus* impeça um avaliação bem fundamentada da valia do autor, estamos em crer que estas seis composições revelam um poeta hábil no manejo do verso e capaz de se exprimir em registos diversos. A orientação de conjunto está de acordo com o padrão da literatura da época, mas há pelo menos dois sonetos que merecem uma menção especial: no domínio da lírica amorosa, *Eu vi Amor a militar armado*, pela graciosidade da narração da homenagem que

⁴ *Basílio da Gama: A obra por vir — 17 inéditos e uma nova versão*, in «Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas», II Série, vol. XIV, Porto, Faculdade de Letras, 1997, p. 399-433.

⁵ *Basílio da Gama: A obra por vir — 7 inéditos e uma nova versão*, in «Literatura Brasileira em Questão — Actas do II Congresso Português de Literatura Brasileira (8 a 10 de Maio de 1997)», Porto, Centro de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras do Porto, 2000, p. 503-517.

Cupido e o «Esquadrão luzido / De Cupidinhos mil» presta a Alcipe; no registo moral, *Prateada nuvem pelo ar ondeia*, pela forma como é proposta e tratada a analogia entre a vaidade e a nuvem.

A edição que agora apresentaremos será feita de acordo com o modelo que temos vindo a seguir para a publicação de textos deste período⁶.

1. Ode *Se de vorazes, crepitantes chamas*

Testemunho manuscrito: BADE, FM, 542, p. 264-268

A Estácio Gularte Pereira, estando doente

Se de vorazes, crepitantes chamas
Ferido o tecto, rodeado o leito,
Em negro crespo fumo sufocado,
N' alta noute acordara;

5 Se em virgem bosque mosqueado Tigre,
Por entre os velhos troncos chamejando
Os cintilantes olhos, me acenara
Co' a buliçosa cauda;

Se nos cerúleos ombros de Neptuno,
10 Na tesa máscara assoviando o Noto,
Ora tocara as prenhes Nuvens, ora
Do Oceano as entranhas;

Ou se descalço o pé, pálido o rosto,
Presas as mãos, embarçado o colo,
15 Entre horrendos algozes caminhara
A um suplício inocente;

⁶ Ver, por exemplo, *Poesia Dispersa e Inédita do Setecentista Brasileiro Francisco José de Sales*, Porto, Edição do Autor, 2001, p. 43-51.

Legenda. Este Estácio Gularte Pereira é provavelmente o mesmo que, em 1774, assina um soneto incluído no final do poema herói-cómico *O Desertor*, do também brasileiro Manuel Inácio da Silva Alvarenga. De acordo com Domingos Carvalho da Silva (*Gonzaga e Outros Poetas*, Rio de Janeiro, Orfeu, 1970, p. 142), seria um estudante. Com base na informação incluída na ode, é de

- Nem por isso, ó Gularte, o peito forte,
O peito calejado co' os tormentos,
Que mamou tenro nas amargas tetas
20 Da Madrasta Fortuna,
- Tremendo desmaiara. A fria morte
Não só não gela o sangue aos Alexandres,
Também a encaram sem voltar-lhe o rosto
Os que em dornas habitam.
- 25 Também a mão que empunha o férreo escopro
Que o suor sobre os mármoreos goteja
Da paterna oficina, empunha e bebe
A venenosa taça;
- Em vão, bela Xantipe, os tenros filhos
30 Tu lhe mostras chorando; em vão, abertas
As portas e os caminhos, lhe apresentas
Os amantes discípulos;
- «Não, Amigos, lhe diz o Sábio; a vida
Temei antes que a morte; é esta o termo
35 Que lemita do mundo a pulvarente
Olímpica carreira;
- «Fugir do campo quando venço a meta,
Será perder os mal vingados loiros
Que em vós plantado tem minha doutrina
40 Para adornar-me a frente.

supor que cursasse Medicina. Acrescente-se ainda que Silva Alvarenga — interrogado a 4 de Agosto de 1795, no âmbito da Devassa a que mandou proceder o Conde de Resende, sobre uns estatutos da Sociedade Literária do Rio de Janeiro — alude a um Estácio Gularte, que talvez seja o destinatário desta ode.

29. Xantipe (Xantipa) — A mulher de Sócrates.

«Mas já trémula, a luz incerta gira,
O pranto cresce e a abóbada soberba
Do Areópago geme; enfim à teia
Meta a tisoura Cloto.»

45 Assim, caro Gularte, eu da fortuna
Ou da morte os revezes rebatidos,
Sempre os terei no temperado escudo
De uma imortal constância.

Se não tenho valor nem sofrimento
50 Para ver-te o sereno e gentil rosto
Em crua pírola, em forma de Megera
As vozes transformando;

Agora entre os amigos mudo e quedo,
Agora separado e sobre o leito
55 No quiniaco pano amortalhado,
Nem respirar te escuto.

Aqui desmaio, aqui o peito sente
Um frio gelo, que derrete a pena,
E subindo o vapor aos tristes olhos,
60 Quantas gotas destilam!

Não é fraqueza, é só conhecimento
Do grão tesouro que a tua alma encerra;
E é para mim a última desgraça
Perder um raro Amigo.

65 Mas, oh!, Filhas do Cérebro Tonante,
Que tanto esp'rito alimentais somente:
Oh, bem-vindas sejais aos Pátrios lares
Mondego.

51. Este verso apresenta 11 sílabas.

68. O verso está incompleto.

Abri-lhe os livros, aparai-lhe a pena,
70 Dizei-lhe os vossos principais mistérios;
Fartai um peito que por vós saudoso

Morria suspirando.

E tu que há tantos séculos possuis
Da vasta Medicina o Ceptro Augusto,
75 Vê que o grande Gularte se prepara
A disputar-te o trono.

2. Soneto *Vejo as Ninfas gentis do pego undante*

Testemunho manuscrito: BADE, FM, 542, p. 269

Vejo as Ninfas gentis do pego undante
Fora d' água, as cabeças levantando
E as douradas madeixas enastrando
De finas perlas, de coral brilhante.

5 Musculoso Tritão delas diante
Um retorcido búzio está tocando;
Vão-se os sons pelas águas alongando
'té a praia ferir, que está distante.

«Marília» o eco soa; hoje faz anos
10 Marília, cujos dotes singulares
Émulos são dos Deuses Soberanos;

Neptuno mesmo já lhe ergueu altares,
Desejando a tirar dentre os humanos
Para o Ceptro reger dos nossos mares.

3. Soneto *Eu vi Amor a militar armado*

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 265 = A / BADE, FM, 542, p. 270 = A_1 / BNRJ, 10, 1, 15, f. 121v = A_2

Versão de A

A um Amor

Eu vi Amor a militar armado,
Tendo na destra um Estandarte erguido,
Cobrinho a frente a um Esquadrão luzido
De Cupidinhos mil, infileirado.

5 Trazia o Deus um curvo alfanje ao lado,
E os mais o esquerdo ombro guarnecido
De cruentos farpões, fazendo unido
Tudo um corpo de setas iriçado.

Passou a linda Alcipe; eis com toda a arte
10 Apresentam-se os ferros passadores
E Amor bateu três vezes o Estandarte;

Erguem-se as vozes, batem-se os tambores:
«Viva, viva, soou por toda a parte,
A linda Mãe da Tropa dos Amores.»

Legenda. Falta em $A_1 A_2$

3. a um esquadrão] um batalhão A_1 a um batalhão A_2

7. fazendo] formando $A_1 A_2$

9. linda] bela A_1 , eis] e A_2 , toda a arte] tod' arte A_1 toda arte A_2

14. A linda] A bela A_2

4. Soneto *Da vã Soberba pelo Templo um dia*

Testemunhos manuscritos: BADE, FM, 542, p. 271 = BNL, 8610, p. 266

Da vã Soberba pelo Templo um dia
Por acaso passei buscando hospício,
E vi que este fantástico Edefício
Sobre as asas do vento s' eregia.

- 5 Em tumulto a nobreza concorria
Para of'recer à Deusa o sacrifício;
Era o vil Sacerdote o horrendo Vício
E a Vaidade infernal d' ara servia.

- Por vítima a Humildade estava presa,
10 Aflita erguendo o rosto ao Céu sereno,
Clamando em vão justiça à Natureza;

Se destes monstros o fatal veneno
Infecta os corações d' alta Grandeza,
Jove, graças te dou de ser piqueno.

5. Soneto *Neste dia feliz, não te ofereço*

Testemunhos manuscritos: BADE, FM, 542, p. 272 = A / BNL, 8610, p. 268 = A₁

Versão de A

Neste dia feliz, não te ofereço,
Terna Márcia gentil, fausto presente,
Por ostentar meu ânimo inocente
A doce inclinação que te mereço.

- 5 Do avaro Midas, d' opulento Cresso,
Do aurífero Brasil, d' África ardente,
Os tesouros embora estime a gente,
Que estes dons para ti não são de preço.

Só olha o Nume a quem se oferta o voto
10 Que o prêmio seja na pureza austero,
Não rica jóia de um País remoto;

Por isso alegre oferecer-te quero,
Como ao meu Santo Ídolo devoto,
Nas mãos de Amor um coração sincero.

6. Soneto *Prateada nuvem pelo ar ondeia*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 267

À Vaidade

Prateada nuvem pelo ar ondeia,
Qu' um grande Carro triunfal parece,
E pouco a pouco mais s' engrossa e cresce,
Mil outras formas presentando à ideia.

5 De saraiva, trovões, de vento cheia,
Abafa o dia e pronta s' enfurece;
O bruto foge, a gente desfalece,
Quebra-se o bosque e s' arruina a aldeia.

Mas os mesmos tufões e a tempestade
10 De que trazia o seio armado e prenha,
Lhe roba a vida, o ser, a actividade;

Agora o quadro a reflexão desenha:
Veja s' há n' alta esfera da vaidade
Quem melhor esta nuvem desempenha.

Francisco Topa

1. não te ofereço] eu não t' of'reço A_1

4. que te] qu' cu te A_1